



Produzindo o sentido de um nome de cidade
Producing the meaning of a city name

Eduardo Guimarães*

Resumo: Este texto analisa a relação de significação que atribui ao nome próprio *Rio de Janeiro* o sentido de *cidade maravilhosa*. Para isso o trabalho analisa a questão da relação apositiva que acaba por apresentar uma história de enunciações a respeito da cidade do Rio. Neste caso o aposto acaba por apresentar-se como um outro nome para a cidade, havendo assim uma sobreposição de dizeres e tempos do sentido. O sentido do nome *Rio de Janeiro* (primeiro, nome da baía da Guanabara e, depois, nome da cidade, por metonímia), significa um memorável descritivo que articula o nome com sentidos da beleza do lugar e que se desloca para um sentido avaliativo. Este processo se especifica por uma história de enunciações que se pode localizar na passagem do século XIX para o XX. Tanto este aspecto quanto o do próprio funcionamento da relação apositiva mostram aspectos muito particulares da constituição do sentido do nome próprio. E neste caso, a relação apositiva faz uma predicação que se apresenta como própria do sentido de *Rio de Janeiro*, como se fosse algo que o nome significasse de modo fixo e definitivo.

Palavras-chave: Semântica, Rio de Janeiro, enunciação, nome próprio, aposto.

Abstract: This paper analyzes the semantic relations that attach the sense of ‘wonderful city’ to the proper name *Rio de Janeiro*. To do so, the author explores the appositional relation that brings with it a history of utterances concerning the city of Rio. In this case, the apposition (‘wonderful city’) turns out to present itself as another name for the city, in a way that it produces an overlap of sayings and sense temporalities. The name Rio de Janeiro (first the name of the Guanabara Bay and then the name of the city, by metonymy), signifies a descriptive memorable piece that articulates the name with the sense of the beauty of the place, and that changes from a descriptive to an evaluative sense. This process is specified by a history of utterances that can be located between the late nineteenth century and the beginning of the twentieth. Both this aspect and that

Keywords: Semantics, Rio de Janeiro, enunciation, proper name, apposition.

* Pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp, professor do IEL da Universidade Estadual de Campinas. Email: eduardo.gui@uol.com.br Endereço: Labeurb – Laboratório de Estudos Urbanos Unicamp/Cocem / Nudecri Caixa Postal 6166 Campinas/SP – Brasil. CEP: 13083-892

Em vários estudos tenho me dedicado a analisar o funcionamento dos nomes próprios e entre eles os nomes que nomeiam cidades e espaços da cidade. Em *Semântica do Acontecimento* (GUIMARÃES, 2002) procurei, a partir de um ponto de vista enunciativo, analisar como estes nomes significam: tantos nomes de cidade quanto de suas ruas, avenidas e praças. Em Guimarães (2011) fiz uma análise particular sobre o nome da cidade de São Vicente, em São Paulo, para mostrar como o seu sentido é afetado por um acontecimento muito particular, que de certo modo refaz, no texto considerado, o sentido do nome da cidade e de sua história. Para o presente estudo lancei mão da análise de uma relação muito específica, a que podemos chamar de aposto. A relação aposto e nome próprio eu a considerei, também, em Guimarães (2012).

Neste trabalho vou considerar um acontecimento enunciativo em que a relação apositiva aparece em:

(1) Rio de Janeiro - Cidade Maravilhosa.

Vou procurar observar, mais de perto, como a relação apositiva, que se estabelece em muitos enunciados, funciona pelo recorte de um passado que se apresenta como uma história de enunciações a respeito da cidade que se considerar. Esta história se apresenta como sentido nas enunciações de seu nome próprio.

No funcionamento específico do aposto (cidade maravilhosa), que acaba por significar enquanto um outro nome para a cidade, pode-se observar a significação de uma sobreposição de dizeres e tempos do sentido.

Essa expressão aparece em enunciados por anos seguidos, e ainda hoje. Tal como está, eu a encontrei, no dia 27 de julho de 2014, na entrada do Face Book da cidade do Rio de Janeiro.

No caso de (1), temos a expressão numa forma nominal como um enunciado cujo funcionamento pode ser tomado, não por seu sentido descritivo, mas por seu sentido argumentativo. Esta expressão pode estar em outro enunciado como:

(2) O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa¹.

¹ Este enunciado pode se repetir em tantas ocasiões. Como exemplo, tomei o enunciado em <http://www.ospaparazzi.com.br/turismo/rio-de-janeiro-6139.html>, em 14 de agosto de 2014.

E todos podemos concordar que é possível encontrar enunciados como:

(3) O Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, é a cidade do samba.

O interessante é que, tanto em (1), quanto em (3), podemos considerar que a expressão aqui estudada pode ser parafraseada, em um de seus aspectos fundamentais, por (2).

Como analisar, então, o funcionamento de (1)? E nessa análise é importante pensar como significa a relação entre *Rio de Janeiro* e *cidade maravilhosa*, que sentidos a história de enunciações envolvida produz. A observação desta relação em (1) leva a considerar que *cidade maravilhosa* reescreva *Rio de Janeiro*. E desta maneira atribui sentido ao nome *Rio de Janeiro*. Em outras palavras, (1) coloca *cidade maravilhosa* como aquilo mesmo que *Rio de Janeiro* significa. O que esta expressão, que podemos inicialmente caracterizar como um epíteto, diz, aparece como atribuindo sentido ao termo que reescreva. Por outro lado, esta reescrituração, de certo modo, faz significar a relação predicativa que está indicada pela paráfrase:

(2) O Rio de Janeiro é uma cidade Maravilhosa.

Mas faz significar também algo que se pode parafrasear por:

(4) O Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa.

A importância da relação de (2) com (1) e (3) pode ser pensada considerando o modo de significar de um enunciado como (4).

Este enunciado nos coloca diante de uma enunciação que, de certo modo, traz uma questão muito particular. Ao dizer (4), não podemos tomar este enunciado como um mero exemplo de um enunciado predicativo, em que *cidade maravilhosa* predica *Rio de Janeiro*. Em (4) o que se estabelece é que há uma igualdade entre aquilo que se diz por *O Rio de Janeiro* e por *a cidade maravilhosa* (isto é tratado em geral como a remissão a um mesmo referente). Esta igualdade para nós pode ser pensada a partir de uma história enunciativa. Deste ponto de vista, só é possível dizer (4), se, de algum modo, consideramos que (4) diz algo que se reporta a, e significa algo como o que se diz em:

(2) O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa.

Para dizer (4) é preciso considerar que não é possível dizer (4) sem que se signifique (2), que aparece assim como significado pelo memorável da beleza do lugar e assim constitui o sentido tanto de (1), que inclui o significado por (4), quanto de (4). E o que estou dizendo aqui não é que (2) precisa ter sido dito. O que estou dizendo é que (2) significa tanto em (1) quanto em (4).

Relatos sobre Enunciações.

Para falar de “Rio de Janeiro” como nome próprio da cidade, precisamos considerar alguns aspectos. Primeiro que “Rio de Janeiro” foi inicialmente o nome dado à hoje chamada “Baía da Guanabara”, em primeiro de janeiro de 1502. Este acontecimento de nomeação oficial nomeou um lugar da costa brasileira. É interessante que este nome é dado a este lugar na mesma viagem em que foram nomeados o Cabo de Santo Agostinho (em 28 de agosto de 1501), Rio São Francisco (4 de outubro), Bahia de Todos os Santos (primeiro de novembro), Cabo de São Tomé (21 de dezembro), Rio de Janeiro (primeiro de janeiro de 1502), Angra dos Reis (6 de Janeiro), São Vicente, nome da ilha (22 de janeiro).

Deste conjunto de nomes vemos que só *Rio de Janeiro* não é uma nomeação que se dá do lugar de locutor-oficial recortando um memorável religioso. No caso do Rio de Janeiro há uma nomeação que recorta um memorável descritivo, da natureza.

Em segundo lugar, quando se funda a cidade na região do Rio de Janeiro, ela é chamada de cidade de *São Sebastião*, nomeada por um locutor-oficial, que recorta um memorável religioso e de vassalagem (o Rei de Portugal era Dom Sebastião).

Já tratei desta questão do memorável religioso de um lado e descritivo de outro, em outro lugar. Nesse texto, a propósito de um conjunto de nomes presentes no Diário de Pero Lopes de Souza, disse:

De um lado temos algo como *ilha da Ribeira Grande*, e de outro algo como *ilha de São Vicente*. Semanticamente podemos observar que, no primeiro caso, se está diante de uma expressão que coloca o nome Ribeira Grande articulado a ilha, e isto toma como enunciação anterior uma descrição do lugar. É como se tivéssemos uma enunciação que descreve um lugar como ilha da ribeira grande e que esta descrição se faz nome da ilha. Neste sentido, podemos dizer que a expressão ilha da Ribeira Grande apresenta o nome da ilha como produzido a partir de uma enunciação descritiva. No segundo caso, o nome ilha de São Vicente, São Vicente é um nome de um santo que se atribui à ilha. Trata-se, assim, de enunciar um nome que toma a enunciação de um outro nome como sua parte. E deste modo articula a enunciação de um

presente à enunciação passada de outro nome. Os nomes do percurso se fundam basicamente nestes dois procedimentos, o da “descrição”, e o da “homenagem”, e neste caso a homenagem é predominantemente a santos da igreja católica. Trata-se, para mim, de uma nomeação cujo passado do acontecimento é, num caso, um memorável¹ descritivo e, em outro, um memorável religioso, respectivamente. (Guimarães, 2013).

No caso presente, *São Sebastião* está na segunda categoria e *Rio de Janeiro* na primeira.

Terceiro aspecto: o nome “Rio de Janeiro” acaba metonimicamente se sobrepondo ao nome “São Sebastião”, e assim renomeando a cidade. Isto, de algum modo, repercute no fato de que se tem hoje no Brasil um estado brasileiro (Rio de Janeiro), onde está uma cidade também com o nome Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (nome do estado) é homônimo de Rio de Janeiro (nome da cidade). Ou seja, o nome do estado pode ter uma história de enunciações em alguns aspectos semelhante ao nome da cidade, mas que não é no todo a mesma história. E assim os dois nomes têm sentidos diferentes. Basta lembrar aqui que *não* há um enunciado (5) correlato de (1)

(5) Rio de Janeiro – Estado maravilhoso.

Falta a este enunciado (5) uma história de enunciações que significa em (1).

Deste modo observa-se como o nome dado a propósito do lugar encontrado em 1502 (um rio, uma baía), permanece, re-nomeando a cidade cujo nome era São Sebastião, e é esse nome (Rio de Janeiro) que movimenta uma descrição do lugar que receberá depois um epíteto louvando, descritivamente, a cidade.

É interessante observar, por exemplo, como João Ribeiro, em 1900, narra o processo de criação da cidade de São Sebastião:

À vitória dos portugueses seguiu-se a transferência (ou antes a verdadeira fundação da cidade) para o morro de São Januário (depois do *Castelo*), fato duvidoso, mas geralmente suposto e admitido, com a data de 20 de janeiro de 1557, dia do santo que era o mesmo do rei, Sebastião. Aí foi fundada com as cerimônias usuais a capital da nova capitania e traçada na ondulosa esplanada do morro a praça onde ficariam as casas do governo e um forte. Não tardou que a *beleza do sítio e a excelência da terra* atraísse os povoadores” (Ribeiro, 1900, p. 118)².

² Grifo nosso.

Só para mostrar uma diferença, tomemos o relato de Frei Vicente de Salvador sobre esta mesma fundação da cidade de São Sebastião, em sua obra de 1627:

O Sítio em que Men de Sá fundou a cidade de São Sebastião foi o cume de um monte, donde facilmente se podiam defender dos inimigos; mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo vale ao longo do mar, de sorte que a paria lhe serve de rua principal e assim, sendo lá capitão-mor Afonso de Albuquerque, se achou uma manha defronte da porta do Convento do Carmo que ali está uma baleia morta que de noite havia dado à costa. E as canoas, que vêm das roças ou granjas dos moradores, ali ficam, desembarcando cada um à sua porta ou perto dela, com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como costa pela ladeira acima. (p. 131)

Veja que a descrição é, diríamos, meramente técnica.

A descrição da beleza física é apresentada, no final do século XIX, na enunciação de João Ribeiro, como razão para o sucesso do desenvolvimento da cidade naquele remoto tempo do início da colonização. De um certo modo, este relato do historiador se dá numa correlação do memorável descritivo que significa no nome Rio de Janeiro, primeiro do lugar e depois da cidade.

Esta história de enunciações que nomeiam e renomeiam a cidade determina (predica) o sentido destes nomes. Assim é preciso tomar o enunciado (1) levando isso em conta. E é preciso também analisar o enunciado (1) e assim analisar como a história enunciativa desta relação constitui, de modo particular, uma predicação para o nome Rio de Janeiro (da cidade).

Há pelos menos dois relatos sobre o aparecimento da expressão “cidade maravilhosa” atribuída a “Rio de Janeiro”. Uma diz que foi usada pela primeira vez por Coelho Neto em 1908. Mas não se tem a atestação desta enunciação. Ligada a este relato está também o nome de um livro do próprio Coelho Neto em 1928, *Cidade Maravilhosa*, com crônicas do autor sobre o Rio. O outro é que a expressão teria sido usada pela primeira vez no título da obra *La Ville Merveilleuse: Rio de Janeiro* de Jane Catulle Mendès, publicado em 1913³.

³ O livro inclui poemas como *Arrivée dans la Baie de Guanabara*, *Salut, Aube*, *Les Palmiers*, *Le Tarnarina*, *La Fontaine miraculeuse*, *Les Bambous*, *Praia Vermelha*, *Des fleurs*, *L'orchidée sauvage*, *La Fleur qui rougit au soleil*, *La Bibliothèque*.

No primeiro caso, mesmo com atestação inexistente, os relatos insistentes da nomeação feita por Coelho Neto colocam o nome no memorável de inúmeras enunciações reportadas ao relato, o que se consolida pela atestação direta da expressão como nome de um livro, em data também do mesmo início de século. E o livro, cujo título é *cidade maravilhosa*, pode ser visto como uma reescrituração, por expansão, que dá sentido à expressão. Ou seja, as crônicas do livro dão sentido à expressão que é seu título. Este aspecto pode também ser considerado para o caso do nome da obra de Jane Catulle Mendès. E neste caso há ainda a levar em conta um aspecto muito interessante. Consideremos:

(6) La Ville Merveilleuse: Rio de Janeiro.

Em (6), “Rio de Janeiro”, um nome próprio, reescritura, e assim determina, “La ville merveilleuse”. E é por esta determinação que a expressão projeta um futuro de enunciações como *Rio de Janeiro*, *cidade maravilhosa*, que acontecimentos posteriores consolidam. E nesta medida *cidade maravilhosa* passa a ser, de certo modo, um epíteto de *Rio de Janeiro* no título do livro.

O fato de que se trata de um livro em francês nos permite considerar as seguintes paráfrases:

(7) O Rio de Janeiro é uma Ville Merveilleuse.

(8) La Ville Merveilleuse é uma cidade maravilhosa.

A expressão definida, em (6), La Ville Merveilleuse, refere a uma certa cidade, na medida em que nela significa algo como (7) e (8). Ou seja, a significação da expressão definida inclui a predicação (uma cidade maravilhosa, como em (8)), e na medida em que a expressão definida (La ville merveilleuse) é especificada por Rio de Janeiro, em virtude da reescrituração que constitui o título do livro (*Rio de Janeiro* reescritura *La ville merveilleuse*).

E aqui ainda temos a considerar que o título da obra coloca em relação duas línguas, a língua francesa e a língua portuguesa do Brasil. Trata-se de observar como uma língua entra em contato com outra língua, através do funcionamento de um nome próprio. Neste caso a enunciação em uma língua (francês) enuncia por um nome

constituído na outra língua (Rio de Janeiro)⁴. E esta já é uma questão importante sobre o funcionamento dos nomes próprios, do que não trataremos especificamente aqui. E é isso que nos leva às paráfrases (7) e (8). Não se tem algo semelhante para (1).

O Eco de uma Canção

Mas há um acontecimento particularmente decisivo na circulação desta relação de sentidos, que significa no acontecimento de enunciar *Rio de Janeiro – cidade maravilhosa*: a marchinha de carnaval de André Filho, *Cidade Maravilhosa*, composta para o carnaval de 1934 (também, portanto, do início do século XX). Esta marchinha se instala como um hino para a cidade do Rio de Janeiro. Nesta marchinha há um refrão de força poderosa, no domínio de sentidos que analisamos:

Cidade maravilhosa, Cheia de encantos mil
Cidade maravilhosa, Coração do meu Brasil

Aqui temos duas expressões de estrutura nominal, cada uma constituída por reescrituração especificadora.

Os versos do refrão se articulam numa relação de sujeito a predicado com *És o altar dos nossos corações/ Que cantam alegremente*. Poderia aqui buscar a conexão entre a metáfora do coração de cada um dos habitantes do Rio e a do coração do Brasil. Mas isto não é o que me interessa neste momento, embora não possa dizer que isto seja irrelevante para minha argumentação.

A articulação predicativa *Cidade maravilhosa, Cheia de encantos mil / Cidade maravilhosa, Coração do meu Brasil / És o altar dos nossos corações/ Que cantam alegremente*, além da presença de *cidade maravilhosa* como um outro nome para o Rio de Janeiro, traz uma nova atribuição de sentido, “ser altar dos nossos corações que cantam alegremente”. Mais que isso, ainda, a *cidade maravilhosa* está no refrão como um vocativo, ou seja, é com ela que o poeta fala. O que também está claramente significado pelo *és* do verbo que introduz o predicado. A marchinha constitui assim uma relação do locutor-poeta(lírico) ao alocutário-cidade. Por outro lado, o eu lírico do poeta fala a partir de um enunciador coletivo que o *nossos* de “nossos corações” claramente

⁴ Este aspecto permitiria colocar a questão do espaço de enunciação no Brasil da época. Isto levaria à análise da relação entre a língua francesa e a língua portuguesa do Brasil e como elas determinavam seus falantes neste espaço de enunciação.

significa. Por esta voz de enunciador a marchinha significa uma comunhão dos habitantes da cidade com ela. Uma comunhão de corações.

Esta marchinha coloca, como voz de todos, o sentido da beleza que percorre toda uma história de enunciações em que funciona o nome da cidade “Rio de Janeiro”.

Outro aspecto importante é que enunciações, como a da marchinha, funcionam em acontecimentos que tomam, por um memorável do sentido da beleza natural, uma conexão de sentido entre *Rio de Janeiro* e *Cidade Maravilhosa*, e de tal modo que *cidade maravilhosa* aparece como epíteto para *Rio de Janeiro*. É isso que faz significar, no sentido do nome *Rio de Janeiro*, algo que está parafraseado em:

(2) O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa.

O refrão da marchinha significa como memorável a conexão “dizer *Rio de Janeiro* é, em certa medida, o mesmo que dizer *cidade maravilhosa*”. O que esta conexão nos diz, tanto do ponto de vista da cidade, quanto do ponto de vista do funcionamento enunciativo da linguagem, mais especificamente, do nome próprio?

Um Rio Maravilhoso

Voltemos mais diretamente ao enunciado:

(1) Rio de Janeiro – Cidade Maravilhosa

Encontrado no Face Book da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. O que este acontecimento de enunciação nos diz? É importante considerar inicialmente que este enunciado não é encontrado na página de entrada no site da Prefeitura da cidade, mas na entrada do Face Book. Assim coloca o enunciado numa cena enunciativa que tem como relação, entre o lugar social do dizer e seu alocutário, o que podemos descrever, como segue:

(1') *l-oficial* - Rio de Janeiro – Cidade Maravilhosa – *al* – “*turista*”

Ou seja, encontramos hoje o enunciado em um acontecimento enunciativo que tem um papel argumentativo ligado à busca de interessados em viajar para o Rio de Janeiro, por exemplo. Mas há outro aspecto importante para nosso modo de analisar. Que enunciadores falam neste enunciado e como ele constitui a temporalidade do acontecimento de seu dizer?

Dado o que falamos acima (e muito decisivamente a questão do memorável que colocamos a partir da marchinha de André Filho), claramente podemos considerar que a enunciação de (1) faz falar uma voz genérica que sustenta o sentido do que se afirma em (1), ou mais especificamente, a predicação *O Rio de Janeiro é uma cidade Maravilhosa*. E mais que isso, faz falar uma voz genérica que sustenta a identidade de sentido *O Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa*. Ou seja, (1) significa sentidos que, como já dissemos, estão no que podemos parafrasear por:

(2) O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa.

E por:

(3) O Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa.

Assim teríamos:

(1'') *Egco* - O Rio de Janeiro é uma cidade Maravilhosa

- O Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa

l-oficial

- *al-“turista”*

Eind - **Rio de Janeiro – Cidade Maravilhosa**

Ou seja, a reescrituração de *Rio de Janeiro* por *Cidade Maravilhosa* em (1) significa um passado de sentido que se significa no acontecimento pelo que a voz genérica aí diz. Assim “cidade maravilhosa”, ao reescrever “Rio de Janeiro”, significa todo um passado de sentidos das enunciações aí rememoradas: a nomeação da baía em 1502, a nomeação da cidade por São Sebastião, no momento da sua fundação no século XVI, a renomeação da cidade como Rio de Janeiro, os relatos sobre o uso da expressão para qualificar o Rio de Janeiro, a marchinha de André Filho, os títulos das obras *La Ville Merveilleuse*, *Rio de Janeiro* e *Cidade Maravilhosa*, etc.

E ao significar tal como em (1''), faz passar de uma construção de sentido a um sentido como verdade para todos.

O Funcionamento de um Epíteto

Considerada a análise dos sentidos de (1) como apresentado em (1''), podemos nos perguntar pela diferença de sentidos do aposto em:

(1) Rio de Janeiro – Cidade Maravilhosa

E em:

- (1a) O Rio de Janeiro, cidade dos meus sonhos, anda muito violento.
- (1b) O rio de Janeiro, cidade do sonho de todos, anda muito violento.

Se podemos considerar em (1), tal como indicado em (1''), os elementos de sentido:

- (1'a) O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa
- (1'b) O rio de Janeiro é a cidade maravilhosa
- (1'c) Rio de Janeiro, cidade maravilhosa

Podemos considerar para (1a) e (1b):

- (1a1) O Rio de Janeiro é a cidade dos meus sonhos
- (1a2) O Rio de Janeiro anda muito violento
- (1b1) O Rio de Janeiro é a cidade dos sonhos de todos
- (1b2) O rio de Janeiro anda muito violento.

O que é notável neste caso é que *não* parece necessário, nem mesmo possível, considerar como elementos de sentido de (1a) e (1b), algo que se pode parafrasear por:

- (1a3) O Rio de Janeiro é uma cidade dos meus sonhos
- (1b3) O Rio de Janeiro é uma cidade dos sonhos de todos.
- O que poderia se considerar seria
- (1a3') O Rio de Janeiro é uma das cidades dos meus sonhos.
- (1b3') O Rio de Janeiro é uma das cidades dos sonhos de todos.

Podemos apresentar a cena enunciativa para (1a) e (1b) como segue:

- (1a') - *Eind* – O Rio de Janeiro é a cidade dos meus sonhos
 $l-x$
- *Eind* – O Rio de Janeiro é muito violento.

- (1b') - *Egco* – O Rio de Janeiro é a cidade dos sonhos de todos
 $l-x$

- *Eind* – O Rio de Janeiro é muito violento.

Ou seja, podemos considerar que em (1a') funciona um enunciador individual (*Eind.*), pelo fato de o locutor dizer “meus sonhos”, ao passo que em (1b') consideramos um enunciador genérico (*Egco*), para contemplar o sentido que considera uma avaliação de todos (não estou dizendo que todos consideram, mas que este enunciado apresenta como se todos considerassem. Nos dois casos, não aparece, na voz de um enunciador genérico:

(1'a) O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa.

Ou seja, o acontecimento do dizer de (1) significa a predicação de cidade maravilhosa a respeito de Rio de Janeiro. Em outras palavras, *Rio de Janeiro* significa “cidade maravilhosa”.

Ou seja, o nome *Rio de Janeiro* tem como relação de sentido, na sua designação, construída por uma história de enunciações⁵,

Cidade maravilhosa † Rio de Janeiro

A reescrituração de *Rio de Janeiro* por *cidade maravilhosa*, em (1), pelo modo como recorta o memorável do acontecimento, é sinonímica, e a reescrituração de Rio de Janeiro em (1a) e (1b) é por especificação, ao passo que também recorta diferentemente o memorável. A relação *cidade maravilhosa † Rio de Janeiro* funciona com a estabilização produzida por uma história de enunciações que se movimenta pela temporalidade da beleza natural (memorável). Mais especificamente, o memorável da beleza se especifica, pela história das enunciações, em memorável da beleza da cidade. Não se dá algo semelhante para (1a) e (1b). E esta diferença só pode ser efetivamente mostrada pela consideração dos textos em que as enunciações constroem uma história enunciativa. Evidentemente que (1a) e (1b) estão aqui simplesmente como elementos de uma experimentação descritiva do semanticista. Quanto à análise feita, podemos tomar toda a história de enunciações e ver como ela construiu essa conexão predicativa particular entre cidade maravilhosa e Rio de Janeiro.

⁵ † se lê determina semanticamente (atribui sentido).

Considerações Finais

Um primeiro aspecto a considerar é que a análise feita, a partir do funcionamento do enunciado (1), mostra aspectos importantes do sentido do nome próprio *Rio de Janeiro* (nome da cidade). O sentido deste nome, que primeiro nomeia a baía da Guanabara e depois se desloca metonimicamente para o nome da cidade, pela renomeação que substitui *São Sebastião* por *Rio de Janeiro*, significa um memorável descritivo que articula o nome com sentidos da beleza do lugar. Ou seja, o memorável descritivo assume um sentido avaliativo. Mais que isso, o memorável descritivo se especifica, por uma história de enunciações, que parece podermos localizar na passagem do século XIX para o XX, como o memorável descritivo sobre a cidade chamada *Rio de Janeiro*.

Tanto este aspecto quando o do próprio funcionamento da relação apositiva mostram aspectos muito particulares da constituição do sentido do nome próprio. E neste caso, a relação apositiva faz uma predicação que se apresenta como própria do sentido de *Rio de Janeiro*, como se fosse algo que o nome significasse de modo fixo e definitivo. No entanto, é possível observar que este epíteto se constitui por uma história enunciativa muito particular, que pudemos configurar na parte inicial de nossa análise. Esta relação foi estabelecida por um conjunto muito particular de acontecimentos de enunciação, dentro os quais a letra da marchinha *Cidade Maravilhosa*, que se apresenta como significando algo já significado por acontecimentos anteriores. Ou seja, a relação do epíteto com o nome, fundamental na sua significação, é claramente histórica, é claramente uma história de acontecimentos de enunciação. Assim, esta relação de epíteto pode ser historicamente modificada, embora tenha uma força própria das significações estabilizadas depois de constituídas.

Isto é particularmente importante se observarmos que o memorável descritivo-avaliativo que significa no nome *Rio de Janeiro*, e é constitutivo de acontecimentos que levam à enunciação de *Rio de Janeiro, cidade maravilhosa*, é parte da renomeação da cidade: que de *São Sebastião* passa a ser *Rio de Janeiro*. Mas o memorável religioso que significa no nome inicial da cidade se mantém, se observamos que é possível, ainda hoje, se dizer algo como *São Sebastião do Rio de Janeiro continua linda*. Ou seja, o nome de hoje, de algum modo, rememora, ainda, o primeiro nome da cidade. Neste caso o primeiro nome permanece significando no novo nome. Assim *Rio de Janeiro* traz uma polissemia que significa o sentido avaliativo da beleza, mas significa também o memorável religioso. E isto se ratifica pelo fato de a cidade do Rio de Janeiro ter

estabelecido, ou seja, ter performativamente estabelecido, São Sebastião como padroeiro da cidade. Esta é uma tensão de sentido que se mantém e que leva a não se considerar o epíteto como algo fixado para o sentido. Assim o sentido do nome próprio fica aberto a todo um trabalho de determinações (atribuições de sentido) que continuam operando por novos e constantes acontecimentos de enunciação.

Tomemos um exemplo atual. Num site de uma companhia de serviços turísticos⁶ encontrei no dia 14 de agosto o seguinte: “Pensou Rio de Janeiro, pensou na cidade do carnaval. Pensou samba, sol, cálida hospitalidade, cores, e uma genuína atmosfera de férias.” Aqui, claramente, se vê construir uma nova determinação de sentido, *Rio de Janeiro – cidade do carnaval*.

Muito importante em tudo isso é que esta análise mostra como os sentidos se constituem nos acontecimentos e que a história destes acontecimentos de enunciação podem estabilizar ou não certas determinações de sentido. Este resultado de análise, e outros assemelhados, podem contribuir de modo muito particular para a reflexão sobre a relação da enunciação com a língua, constituída enunciativamente como um sistema de regularidades linguísticas. No caso presente, como dissemos antes, *cidade maravilhosa* – *Rio de Janeiro* é uma determinação estabilizada pela história de enunciações em que aparece a relação entre as expressões *Rio de Janeiro* e *cidade maravilhosa*. Esta história de enunciações afeta esta determinação, diferentemente de tantas outras (apositivas ou não), que possam afetar, em textos diferentes, o sentido do nome *Rio de Janeiro*.

Bibliografia

GUIMARÃES, E. (2002) *Semântica do Acontecimento*. Campinas, Pontes.

GUIMARÃES, E. (2011) “Em Torno de um nome próprio de cidade. Sobre a produção dos sentidos de uma origem”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, V. 53, n. 2, Campinas, DL-IEL, Unicamp.

GUIMARÃES, E. (2012) “Aposto e nome próprio”. *Entremeios*, 5. Pouso Alegre, Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Univás.

GUIMARÃES, E. (2013) “Enunciação e Sentido: Em Torno de Nomes de Próprios”. Conferência no Encontro Semântica e Enunciação, IEL, Unicamp.

RIBEIRO, J. (1900) *História do Brasil. Curso Superior*. Rio de Janeiro, Livraria São José.

SALVADOR, Frei V. de (1627) *História do Brazil (1500-1627)*. Curitiba, Juruá, 2011.

⁶ http://www.msccruzeiros.com.br/br_pt/Destinos-Cruzeiros/America-Do-Sul/Brasil/Rio-De-Janeiro.aspx

Para citar essa obra:

GUIMARÃES, E. Produzindo o sentido de um nome. In: RUA [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Escadaria Selaron. Disponível em: <http://photos1.blogger.com/blogger/7134/1061/1600/Rio%20de%20Janeiro%20051.jpg>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COGEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>